

Mas se a futurologia da dupla pode ser bastante criticada principalmente por se basear nos recortes de jornais e nas entrevistas telefônicas de Ms Van Elderen os dados recolhidos e expostos no livro são bastante interessantes. Mulheres batendo recordes, mulheres sendo sagradas, bispas, mulheres assumindo a direção de grandes empresas, questões como a menopausa e o câncer de mama, direcionando políticas de saúde, centenas de exemplos da crescente participação feminina nos destinos do mundo são citados e muitas discussões a partir daí são levadas a cabo.

O ponto de partida é bom, a constatação de que a libertação das mulheres ainda não foi alcançada, mas que as mulheres com suas realizações estão começando a transformar o mundo, a construir novos paradigmas sociais. Além das conclusões ou tendências apontadas, serem discutíveis, porém a intenção geral do livro me parece bem longe de qualquer posicionamento feminista. Quando os autores querem demonstrar que a obra não é dirigida apenas às mulheres, lançam mão dos seguintes argumentos: Descrevendo o que algumas das mulheres mais atuantes e poderosas do mundo estão realizando, este livro vai ajudar um pai a aconselhar suas filhas de modo atualizado. e As páginas dedicadas às empresas estão repletas de exemplos: desde comerciantes falidos até fabricantes de calça dos esportivos que perderam vinte milhões de dólares investidos em campanhas publicitárias de negócios que ignoraram, subestimaram ou

mal interpretaram a importância de um **mercado do feminino em mutação**. O destaque é deles. Essa preocupação mercadológica é a tônica do livro inteiro, a partir das promessas de receitas para alcançar o poder. da Introdução.

A edição brasileira teve o louvável cuidado de acrescentar um Apêndice escrito pela jornalista Judith Patarra sobre Mulheres Brasileiras Caminhos e Tendências. Ali temos certamente o melhor de *Megatendências para as Mulheres*. Judith Patarra faz um levantamento breve do que há no Brasil na área dos movimentos de mulheres, destacando o trabalho das ONGs feministas e conquistas como o PAISM, Plano de Assistência Integral à Saúde da Mulher que foi objeto de detalhado estudo de Elza Berquo no Dossiê do número anterior da REF. Seguindo o modelo do livro, ela termina cada item tratado apontando uma tendência sem profecias mirabolantes, mas geralmente com otimismo. Em lugar de tentar adivinhar quando uma mulher será Presidente do Brasil, ao focar a questão da participação política, simplesmente adverte:

As mulheres ficam isoladas quando atingem alguma liderança. O próprio movimento feminista se descola delas. Mulheres ainda não elaboram condições para dar suporte financeiro e estratégico às suas candidatas, ao contrário da Argentina, por exemplo, onde existe uma estrutura suprapartidária de educação e incentivo à participação política feminina.

ANA ARRUDA CALLADO ■

O enclausuramento da vida doméstica

A Condição Feminina no Rio de Janeiro - Século XIX

MOREIRA LEITE, Miriam (org.)

São Paulo: EDUSP, HUCITEC/Pro Memória, 1984.

Uma negra escrava abana sua senhora. Esta sentada numa poltrona repousa languidamente recostada em seu braço direito. No chão, uma negrinha nua diverte-se com alguns brin-

quedos. A gravura de 1821 empurra nos sem cerimônia para o século XIX, para a cidade do Rio de Janeiro, ilustrando a capa da antologia *A Condição Feminina no Rio de Janeiro - século XIX*, organizada por Miriam Moreira Leite, a gravura é atrevida ao revelar o interior de um sobrado colonial carioca, nessa época, ao resguardado dos olhares externos por suas grossas paredes protetoras. Atrevida a gravura, atrevidíssimo o gravador, pois flagrou a senhora em trajes caseiros, uma espécie de combinação, numa situação de absoluta intimidade. Conquistada pelo buraco da fechadura ou pela

fresta da porta entreaberta essa cena de uma carioca flagrada numa tarde modorrenta qual quer do verão do Rio de Janeiro patriarcal nos remete em cheio para os textos do livro do qual ela a cena e capa Tal capa qual livro Isso porque como na gravura os textos dessa antologia são indiscretos Foram selecionados para flagrar a mulher no seu cotidiano na eterna repetição de hábitos e gestos Como uma camara indiscreta textos de viajantes de diferentes nacionalidades e que visitaram ou moraram no Rio ao longo de todo o século XIX vão revelando as vezes amargamente as vezes cruamente as vezes exótica e pitorescamente a condição feminina nessa cidade que se transformara na capital do império

Daqui desse final de século XX a mais de 100 anos de distância da mulher de espartilhos e de saia rodada quando ainda nos indagamos sobre a condição feminina na sociedade e significativo que nos apareça essa coleção de textos que entre outras coisas nos conta um pouco do que foi a vida das mulheres no Rio de Janeiro

Tanta história se passou e tanto ainda se insiste em não reconhecer na mulher a plenitude de seu ser a totalidade de sua cidadania Baudelaire dizia que mais muda a cidade que o coração dos homens Ao que poderíamos juntar muda a cidade muda a mulher mas insiste o coração dos homens a bater descompasso com essa mudança Ao juntar as narrativas dos viajantes sobre mulheres de outra era e apresenta-las a nos seres da era do fiodental Miriam Moreira Leite quer atropelar-nos com o **tempo** E faz o muito apropriadamente Ela nada fala mas ela faz falar Reune cartas reportagens diários de viagem relatos comerciais correspondência diplomática que falam sobre os percalços do namoro a legitimidade da poligamia o enclausuramento da vida doméstica a prisão dos conventos a ignorância intelectual o trabalho feminino a vida social

No seu ofício de historiadora Miriam Leite faz voltar o tempo e vai nos introduzindo pelos textos selecionados em práticas que a mais de um século de distância parecem nos estarrecedoras patéticas sem sentido

Lembre-se que só na igreja era possível o namoro Só aí era possível ver as damas sem embarços aproximar-se discretamente Casa das moitas cedo já aos 14 anos as moitas tornam-se mães chegando aos 20 anos murchas de tanto parir Os mandos então apressam-se a

substituí-las por escravas negras ou mulatas A desobediência a pais ou maridos era drasticamente punida com enclausuramento em conventos tipo do de N. S. da Ajuda onde tinham que jurar castidade e eram sujeitas a pena de morte em caso de violação do juramento Tortura castigos prisão afastamento do mundo eram penas legítimas para conter a rebeldia feminina

Mesmo que fossem de classe média ou alta as mulheres viviam em suas casas reclusas do mundo não só do ponto de vista físico mas também intelectual E que sua falta de instrução não lhes permitia saber ler aquilo que fosse além do livro de rezas

O preconceito em relação ao trabalho manual e o desprezo pela rua transformaram esta e aquele em coisa de prostituta ou escrava No entanto mesmo sem ser prostituta ou escrava as mulheres pobres trabalhavam Eram amas de leite a encher a barriga dos nhonhozinhos de seus patroes vendedoras dedicadas ao comércio de legumes e frutas lavadeiras que enchiam os tanques dos chafarizes e os rios de montanhas de roupas sujas modistas com grande perícia nas artes da agulha parteiras rendeiras professoras atrizes etc Uma miríade de pequenas profissões que fazia com que o mundo dos homens funcionasse

Recuperando os fatos o que quer o historiador não é apenas fazer voltar o tempo para apreciar o diferente o exótico o patético o pitoresco O historiador precisa do tempo para pensar para fazer pensar

Ao colocar em movimento a mulher do século XIX Moreira Leite está na verdade pensando na mulher do século XX sua condição seu futuro Não que ela diga qualquer coisa sobre isso mas o simples fato de juntar esses textos nos obriga inexoravelmente a uma comparação mudou a sociedade? mudou a cidade? mudou a mulher?

Obviamente que sim Mas não o suficiente para a mulher deixar de ser uma questão epistemológica disciplinar social de polícia enfim

A mulher a diferença o preconceito o racismo são questões que desafiam nosso futuro remetem-nos ao passado sacodem nosso presente E talvez aqui valha lembrar novamente Baudelaire quando diz que muda muito devagar o coração dos homens

ROBERT MOSES PECHMAN ■